



Até quando conseguirão
manter-se nesta aventura sem
qualquer compromisso?

A PROPOSTA

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

VI KEELAND

TOP
SEL
LER

*Na vida de cada rapariga há um rapaz que ela
nunca esquecerá e um verão em que tudo começou.*

CAPÍTULO 1

Georgia

— Que posso servir-lhe? — O empregado pousou um guardanapo à minha frente.

— *Humm...* Venho encontrar-me com uma pessoa, portanto, é melhor esperar.

Ele bateu com os nós dos dedos no balcão.

— Muito bem. Vou estar atento e voltarei quando vir alguém aqui consigo.

Porém, assim que ele começou a afastar-se, reconsiderarei.

— Pensando bem! — Levantei a mão, como se estivesse na escola.

Ele virou-se com um sorriso e arqueou uma sobrancelha.

— Mudou de ideias?

Assenti com a cabeça.

— Vou ter um encontro às cegas, por isso queria ser educada, mas acho que posso tomar alguma coisa para acalmar.

— É capaz de ser boa ideia. O que vai ser?

— Um *Pinot Grigio* seria ótimo. Obrigada.

Ele voltou alguns minutos depois com uma dose bem servida e apoiou o cotovelo no balcão.

— Então, um encontro às cegas?

Bebi um pouco de vinho e suspirei enquanto assentia com a cabeça.

— Deixei a amiga da minha mãe, a Frannie, que tem 74 anos, marcar-me um encontro com o seu sobrinho-neto, só para agradar à minha mãe. Ela descreveu-o como «um bocadinho vulgar, mas simpático». Marcámos encontro aqui às cinco e meia. Estou um pouco adiantada.

— É a primeira vez que deixa alguém marcar-lhe um encontro?

— Na verdade, é a segunda. A primeira foi há sete anos. Levei este tempo todo para recuperar, por isso pode imaginar como correu.

O empregado riu-se.

— Foi assim tão mau?

— Disseram-me que ele era comediante. Então pensei: o que é que pode correr mal com uma pessoa que ganha a vida a fazer os outros rirem? O tipo apareceu *com um fantoche*. Parece que a sua especialidade na área da comédia era ventriloquismo. Recusou-se a falar comigo diretamente, queria que eu falasse só para o boneco. Que, a propósito, se chamava Dave Porcalhão, e quase todos os comentários que lhe saíam da boca eram obscenos. Oh, e a boca do rapaz mexia-se o tempo todo, por isso nem sequer era um bom ventríloquo.

— Caramba. — O empregado riu-se. — Não sei se eu daria oportunidade a outro encontro às cegas depois disso, mesmo que se passassem muitos anos.

Suspirei.

— Já estou mais ou menos arrependida.

— Bem, se alguém aparecer com um boneco, eu ajudo-a. — Apon-
tou para um corredor atrás de si. — Sei onde ficam todas as saídas de emergência e posso pô-la lá fora.

— Obrigada — repliquei com um sorriso.

Um casal sentou-se no outro extremo do balcão e o empregado foi atendê-los enquanto eu continuava a fitar a entrada. Sentara-me propositadamente no canto ao fundo, para poder vigiar a porta e dar uma olhadela ao tipo que vinha ter comigo antes de ele me ver. Não que planeasse escapar se ele não fosse bonito, mas não queria que

ele visse o desapontamento na minha cara, caso eu sentisse algum. Sempre fui péssima a disfarçar os meus sentimentos.

Alguns minutos depois, a porta do restaurante abriu-se e um tipo lindo de morrer entrou. Parecia saído de um anúncio de perfume masculino, provavelmente acabado de emergir de umas cristalinas águas azuis das Caraíbas. Fiquei entusiasmada, até perceber que não podia ser ele.

A Frannie tinha descrito o Adam como um cromo dos computadores. E, a praticamente todas as perguntas que lhe fiz, respondeu: «Normal.»

É alto? Normal.

É bonito? Normal.

Tipo de corpo? Normal.

Este tipo era alto, com ombros largos, grandes olhos azuis sedutores, um queixo esculpido, cabelo preto um bocado despenteado, mas que resultava perfeitamente nele, e, embora usasse uma camisa simples e calças largas, percebia-se que era musculado. A Frannie teria de ser louca para considerar que tudo nele era normal.

Oh.

Oh!

Bem, ela era um pouco... diferente. Da última vez que fui à Florida visitar a minha mãe, fomos almoçar com a Frannie e ela tinha um brilho cor de laranja na pele, devido a uma dose exagerada de auto-bronzeador que comprara na Home Shopping Network. Também passara a tarde toda a falar-nos da sua recente viagem de carro para Roswell, no Novo México, para assistir a uma convenção de ovnilogia.

Mesmo considerando tudo isso, este tipo não parecia um cromo da informática. Contudo, os olhos dele examinaram a sala e, quando encontraram os meus, ele sorriu.

Covinhas.

Fundas.

Oh, céus. O meu coração palpitou.

Podia ser assim tão sortuda?

Aparentemente, era possível. Porque o homem veio direito a mim. Provavelmente, devia ter-me armado em fixe e desviado o olhar, mas era impossível não o fitar.

— Adam?

Ele encolheu os ombros.

— Claro.

Achei que era uma resposta um pouco estranha, mas o seu sorriso alargou e aquelas covinhas cavernosas pareciam ter desfeito o meu cérebro em papa.

— Prazer em conhecer-te. Sou a Frannie. A minha mãe é amiga da Georgia. — Abanei a cabeça. — Desculpa. Queria dizer que *sou* a Georgia. A minha mãe é amiga da Frannie.

— Gosto em conhecer-te, Georgia.

Estendeu-me a mão e, quando lhe dei a minha, senti que era muito... pequena.

— Devo dizer que não és mesmo nada do que eu esperava. A Frannie não te descreveu com muita exatidão.

— Melhor ou pior?

Estava a gozar?

— É possível que ela te tenha descrito como um cromo.

Ele sentou-se no banco ao lado do meu.

— Normalmente não o admito num primeiro encontro com uma mulher, mas tenho uma coleção de figuras de ação de *Star Wars*. — Procurou dentro do bolso. — Na verdade, tenho quase sempre uma comigo. Sou um pouco supersticioso e elas dão-me sorte.

O Adam abriu a sua grande mão para mostrar um Yoda minúsculo. Inclinou-se, pousou-o no balcão à minha frente e um aroma de colónia pairou no ar. *Cheira tão bem como parece*. Devia haver algo de extremamente errado com este homem.

— As mulheres, não sei porquê, têm tendência para não gostar de *Star Wars* — disse ele. — Nem de um homem crescido que ande com figuras de ação.

— Por acaso até gosto de *Star Wars*.

Ele pôs uma mão sobre o coração.

— Uma mulher bonita que gosta de *Star Wars*? Podemos prescindir das formalidades e apanhar já um avião para nos casarmos em Las Vegas?

Ri-me.

— Talvez. Mas primeiro jura-me que não és ventríloquo.

Ele fez uma cruz sobre o coração.

— *Star Wars* é o mais baixo que desço.

O empregado veio receber o pedido do Adam. Fiquei surpreendida quando ele pediu uma *Coca-Cola Diet*.

— Não te juntas a mim num *cocktail* ou num copo de vinho?

Ele abanou a cabeça.

— Gostava, mas tenho de trabalhar mais tarde.

— Esta noite?

Ele assentiu com a cabeça.

— Sim. Quem me dera que não tivesse de o fazer, mas, na verdade, tenho de me ir embora daqui a pouco.

Eu pensava que íamos encontrar-nos para umas bebidas e jantar, mas talvez a Frannie tivesse percebido mal.

— Oh, está bem. — Forcei um sorriso.

Aparentemente, o Adam percebeu o que eu sentia.

— Juro que não estou a inventar. Tenho mesmo de trabalhar. Mas sem dúvida que adoraria ficar. Como não posso, será muito cedo para dizer que adorava voltar a ver-te?

Bebi o meu vinho.

— Hum... Não sei bem. Normalmente, gosto de conhecer as pessoas num primeiro encontro, para poder excluir os *serial killers* e os maluquinhos. Se fugires daqui, como posso saber que não és o próximo Ted Bundy?

O Adam coçou o tufo de pelos no queixo e olhou para o relógio.

— Tenho cerca de quinze minutos. Porque não largamos a conversa de circunstância e me perguntas tudo o que quiseres?

— Tudo?

Ele encolheu os ombros.

— Sou um livro aberto. Dá o teu melhor.

Bebi o meu vinho e virei-me no assento para o encarar.

— Muito bem. Mas quero ver a tua cara enquanto te interrogo.
Sou péssima a esconder mentiras, mas ótima a lê-las nos outros.

Ele sorriu e virou-se, dedicando-me toda a sua atenção.

— Força.

— Muito bem. Vives com a tua mãe?

— Não, minha senhora. Ela nem vive no mesmo estado. Mas ligo para casa todos os domingos.

— Alguma vez foste preso?

— Por atentado ao pudor na universidade. Estava a ser praxado para integrar uma república e tive de andar nu pela cidade com um grupo de rapazes. Um rapariga fez-nos parar e perguntaram se algum de nós sabia fazer *hula hoop*. Os outros continuaram a andar. Eu achei que eram uns cobardes, por isso parei. Afinal, os rapazes não estavam com medo delas: eu fui o único que não viu o polícia a sair de uma loja duas portas abaixo.

Ri-me.

— E sabes mesmo fazer *hula hoop*?

Ele piscou o olho.

— Só nu. Queres ver?

O sorriso na minha cara alargou.

— Acredito na tua palavra.

— Que pena.

— Quando foi a última vez que fizeste sexo?

Pela primeira vez, o sorriso no seu rosto esmoreceu.

— Há duas semanas. Vais usar isso contra mim?

Abanei a cabeça.

— Não necessariamente. Agradeço a tua honestidade. Podias ter mentido e dito que foi há muito tempo.

— Ótimo. Mais perguntas?

— Alguma vez tiveste um relacionamento sério?

— Duas vezes. Uma na universidade, por um ano, e depois namorei com uma mulher durante dezoito meses, mas acabou há dois anos.

— Porque é que acabaram?

— Na universidade, porque eu tinha 20 anos e... foi uma altura louca na minha vida. A mulher com quem namorei há uns anos... bem, ela queria casar e constituir família e eu não estava preparado.

Bati com o dedo indicador no lábio inferior.

— Hum... No entanto, acabaste de me pedir para ir a Las Vegas e casar contigo.

Ele sorriu.

— Ela não gostava de *Star Wars*.

Estávamos ambos demasiado ocupados a rir para reparar num tipo que se encaminhava para nós. Calculei que fosse um conhecido do Adam, por isso sorri-lhe educadamente e olhei para ele. Mas ele dirigiu-se a mim.

— Peço desculpa por interromper, mas és a Georgia Delaney?

— Sim?

Ele sorriu.

— Sou o Adam Foster. A Frannie mostrou-me uma fotografia tua, mas era de um baile de máscaras. — Apontou para um lado da cabeça, girando a mão num círculo. — Estavas vestida de Princesa Leia, com o cabelo preso dos lados, por isso parecias um bocado diferente.

Franzi a testa.

— Tu és... o Adam?

O homem parecia tão confuso como eu.

— Sim.

Bem, *este homem* era exatamente o que eu esperara: casaco de *tweed* castanho gasto, cabelo curto com risco ao lado, o tipo normal que trabalha em qualquer departamento de informática. Mas...

Se aquele era o Adam, quem era o outro?

Olhei para o homem sentado ao meu lado em busca de uma resposta, mas não foi isso que obtive.

— Vestiste-te mesmo de Princesa Leia para uma festa de Halloween?

— Sim, mas...

O Adam, ou quem quer que fosse o homem sentado ao meu lado, pôs o dedo sobre os meus lábios e virou-se para o homem que, pelos vistos, devia encontrar-se comigo.

— Podes dar-nos um minuto? — perguntou.

— Hum... claro.

Assim que o Adam normal se afastou, virei-me para o Adam bonzão.

— Quem diabo és tu?

— Desculpa. O meu nome é Max.

— Tens o hábito de fingir que és outra pessoa?

Ele abanou a cabeça.

— Não, mas... vi-te sentada no bar pela janela, quando ia a passar, e tu tinhas um sorriso tão bonito. Vim para me apresentar e foi óbvio que estavas aqui à espera de alguém. Acho que fiquei em pânico com a ideia de não falares comigo, visto eu não ser o Adam. Por isso, alinhei.

— E se a pessoa que vinha encontrar-se comigo não tivesse aparecido? Ias fingir ser o Adam num segundo encontro?

O Max passou uma mão pelo cabelo.

— Não pensei tão à frente.

Normalmente, apanhar uma pessoa numa mentira no primeiro encontro deixar-me-ia zangada, mas descobrir que o Max não era o Adam foi mais dececionante do que outra coisa. Tínhamos uma grande química, e não me lembrava da última vez que me rira tanto com alguém que acabara de conhecer.

— As respostas foram todas mentira? Ao menos gostas de *Star Wars*?

Ele levantou ambas as mãos.

— Juro. A única coisa que não era verdade é o meu nome.

Suspirei.

— Bem, *Max*, obrigada pelo entretenimento. Mas não quero deixar o meu *verdadeiro* par à espera.

Ele franziu a testa, mas assentiu e levantou-se.

— Foi bom conhecer-te. Calculo que pedir-te o número de telefone seria estúpido agora?

— Sim, seria. Passa uma boa noite, Max.

Ele olhou-me por alguns segundos, tirou uma nota de cem da carteira e atirou-a para cima do balcão.

— Tu também, Georgia. Gostei mesmo de te conhecer.

O Max afastou-se alguns passos, mas depois parou e voltou para trás. Pegou novamente na carteira, mas, desta vez, tirou algo que parecia um bilhete qualquer e pousou-o no balcão à minha frente.

— Gostava mesmo de te ver outra vez. Se o teu verdadeiro par se revelar um fracasso ou mudares de ideias, juro que nunca mais te digo uma mentira. — Apontou para o bilhete. — Estarei no jogo de hóquei no Garden às sete e meia, se decidires dar-me mais uma oportunidade.

O que ele disse parecia sincero, mas eu estava ali para me encontrar com outro homem. Além disso, estava mesmo desapontada. Abanei a cabeça.

— Não me parece.

Com uma expressão amuada, o Max assentiu com a cabeça uma última vez antes de se ir embora. Não tive tempo para processar tudo, mas tive uma estranha sensação de perda quando o vi atravessar a porta. No entanto, assim que ele desapareceu de vista, o homem que vinha realmente encontrar-se comigo estava ao meu lado.

Tive de forçar um sorriso.

— Desculpa lá. Tínhamos só... assuntos para resolver.

— Não há problema. — Ele sorriu. — Só fico contente por aquele tipo não estar a atirar-se a ti e eu não ter de defender a tua honra. Ele era um tanque. — O Adam Verdadeiro sentou-se. — Posso pedir outro copo de vinho para ti?

— Seria fantástico. Obrigada.

— Então... presumo que sejas uma grande fã de *Star Wars*?

— Hum? Oh, por causa do fato na festa?

O Adam apontou para o balcão.

— E do pequeno Yoda.

Baixei o olhar. O Max deixara ficar o seu boneco. Calculei que não estivesse a mentir acerca de ser um fã de *Star Wars*, considerando que andava com uma figura de ação no bolso. Pelo menos, esperava que não fosse um adereço que usava quando contava histórias a estranhas em bares e mentia acerca do seu nome.

*

O Adam Verdadeiro falou acerca de inteligência artificial. *Muito*.

Tentei retomar a atitude apropriada depois da decepção com o Max, mas sabia, antes de termos acabado uma bebida, que este seria o único encontro com o Adam Verdadeiro. Era um rapaz simpático, mas não havia conexão física nem mental. Eu não me interessava por computadores nem por *bitcoins*, o que parecia ser muito importante para ele, e ele não se interessava por nenhum dos meus passatempos, como caminhar, viajar e ver filmes antigos a preto-e-branco. Nem sequer gostava de ir ao cinema. Quem é que não gosta de se encher de pipocas e litros de refrigerante a ver um filme num grande ecrã? Além disso, quando lhe falei do meu trabalho, ele disse que era alérgico a flores.

Então, quando a empregada nos trouxe um menu de sobremesas, recusei educadamente.

— De certeza que não queres um café ou outra coisa? — perguntou o Adam.

Abanei a cabeça.

— Tenho de trabalhar de manhã. Consumir caféina depois do meio-dia mantém-me acordada toda a noite. Mas obrigada.

Ele assentiu com a cabeça, mas percebi que estava desiludido.

À porta do restaurante, ofereceu-se para partilhar um táxi, mas eu vivia apenas a oito quarteirões de distância, por isso estendi-lhe a mão, para marcar o tom para o fim da noite.

— Foi muito agradável conhecer-te, Adam.

— Igualmente. Talvez possamos... repetir noutro dia?

Era tão mais fácil ser frontal e dizer a um tipo que não haveria um segundo encontro quando ele era um cretino. Mas eu tinha sempre dificuldade com os simpáticos. Encolhi os ombros.

— Sim, talvez. Cuida-te, Adam.

Estávamos no fim de abril, mas este ano o frio não abrandava e não permitia o início da primavera, e uma rajada de vento soprou enquanto eu esperava no cruzamento à esquina do restaurante. Enfiei as mãos nos bolsos em busca de calor e, lá dentro, algo pontiagudo picou-me os dedos. Tirei-o para ver o que era.

O Yoda.

As suas orelhas de plástico eram afiladas e a esquerda estava ligeiramente lascada. Esquecera-me de que o guardara no bolso quando eu e o Adam passámos do balcão para uma mesa. Olhando-o, suspirei. *Caramba, porque é que o teu dono não podia ser o meu par verdadeiro esta noite?*

Há muito tempo que um homem não me causava calores ao fundo da barriga — desde que conhecera o Gabriel. Então, encontrar o Yoda no meu bolso poderia ser um sinal? O semáforo mudou e eu caminhei mais alguns quarteirões, perdida em pensamentos.

Importava mesmo que ele tivesse fingido ser o Adam? Quer dizer, se ele disse a verdade, só o fez para eu falar com ele. Sejamos realistas, se ele tivesse entrado e se tivesse apresentado como Max, eu não o teria convidado para se sentar. Teria sido educada, dizendo-lhe que estava à espera de alguém, por mais fabuloso que o homem fosse. Por isso... acho que não podia realmente censurá-lo.

Parei noutro semáforo no cruzamento da 29th Street, desta vez na esquina com a 7th, enquanto descia para a 2nd Avenue, onde vivia. Enquanto esperava, olhei para a direita e as luzes néon de um letreiro chamaram-me a atenção. *Madison Square Garden*. Agora, era decididamente um sinal — bastante literal. Entre o Yoda e passar exatamente pelo sítio onde o Adam Falso disse que estaria... talvez fosse mais do que isso.

Vi as horas no meu telemóvel. Eram oito e vinte. Ele disse que estaria lá às sete e meia, mas eu tinha a certeza de que o jogo demoraria algumas horas. *Devia ir?*

Mordi o lábio quando a luz à minha frente ficou verde. As pessoas ao meu lado começaram a andar... e eu fiquei ali, a olhar para o Yoda.

Que se lixe.

Porque não?

O que é que tenho a perder?

O pior que podia acontecer era a nossa ligação inicial ter esmoecido ou eu perceber que mentir era um dos passatempos do Adam Falso. Ou... talvez a faísca que tínhamos proporcionasse exatamente a distração que eu procurava. Não saberia se não tentasse.

Em geral, eu era bastante conservadora nas minhas escolhas de homens. E olha onde é que isso me levava. Aos 28 anos era uma viciada em trabalho que ia a encontros às cegas com familiares de amigas da minha mãe. Por isso, que se danasse, iria até lá.

Assim que tomei a decisão, mal podia esperar para lá chegar. Praticamente corri para o Madison Square Garden — mesmo com os saltos altos do trabalho. Lá dentro, mostrei o bilhete a um funcionário que estava na entrada da secção e ele conduziu-me ao meu lugar.

Enquanto descia as escadas do estádio, olhei em volta e percebi que estava exageradamente bem vestida. A maioria das pessoas vestia camisolas e calças de ganga. Até havia alguns tipos em tronco nu, com os corpos pintados, e aqui estava eu, com uma blusa de seda creme, saia vermelha justa e os meus sapatos *Valentino* favoritos. Pelo menos o Max estava bastante bem vestido.

Não tinha reparado no número da fila no bilhete antes de o entregar ao funcionário, mas deviam ser bons lugares, porque não parávamos de descer em direção ao gelo. Quando chegámos à primeira fila, o funcionário estendeu o braço.

— Aqui está. O número dois é o segundo da fila.

— Uau, primeira fila, diretamente a meio da linha das cinquenta jardas.

O rapaz sorriu.

— No hóquei, chamamos-lhe gelo central.

— Ah... está bem. — Mas o lugar ao lado do que ele me indicara estava vazio e não vi o Max em lado nenhum. — Por acaso viu a pessoa que estava sentada na ponta? — perguntei.

O rapaz encolheu os ombros.

— Não tenho a certeza, mas creio que ainda não chegou. Bom jogo, menina.

Depois de ele se ir embora, fiquei de pé a olhar para os dois assentos vazios. Este era um resultado que não previra: ficar pendurada. Na verdade, será que se pode dizer que me deixaram pendurada quando a outra pessoa não sabia que eu vinha? Não tinha a certeza. Mas eu estava aqui, por isso era melhor sentar-me e ver se o Max aparecia. Ele tinha dito que ia trabalhar, logo, talvez estivesse atrasado. Ou talvez já estivesse aqui, na casa de banho ou na fila para a cerveja.

Uma mulher estava sentada ao meu lado. Sorriu quando me instalei no lugar.

— Olá. Estás aqui para ver o Yearwood? Ele está em alta esta noite, já meteu duas na rede. É uma pena que provavelmente não possam mantê-lo na próxima época.

Abanei a cabeça.

— Oh, não. Na verdade, venho ter com uma pessoa. Nunca assisti a um jogo de hóquei ao vivo. — Enquanto eu falava, dois tipos colidiram na parede envidraçada mesmo à minha frente. Dei um salto e a mulher ao meu lado riu-se conforme eles patinavam para longe.

— Acontece muito. Vais habituar-te. — Estendeu a mão. — A propósito, sou a Jenna. Sou casada com o Tomasso. — Apontou para o ringue. — É o número 12.

— Oh, uau. Acho que estou sentada ao lado da pessoa certa para o meu primeiro jogo. — Pus a mão no peito. — Sou a Georgia.

— Tudo o que precisares que te explique, Georgia, é só dizeres.

Durante os vinte minutos seguintes, tentei ver o jogo, mas estava sempre a olhar em toda a volta, para ver se o Max descia as escadas.

Infelizmente, isso não aconteceu. Às nove, era muito claro que tinha estado a perder o meu tempo. Como tinha reuniões cedo no dia seguinte, decidi que já bastava. O relógio do jogo mostrava menos de um minuto até ao fim da segunda parte, por isso decidi aguardar, para não tapar a vista das pessoas enquanto subia as escadas para a saída. Estes fãs de hóquei pareciam muito entusiasmados com o jogo.

Quando o relógio marcou os nove segundos, um dos tipos marcou um golo e o estádio enlouqueceu outra vez. Todos se levantaram de um salto e eu fiz o mesmo, mas aproveitei a oportunidade para vestir o casaco. Inclinei-me para a mulher ao meu lado e berrei:

— Acho que o meu par não vem, por isso vou andando. Boa noite para ti.

Mas, quando me virava para sair, algo me chamou a atenção no *Jumbotron*. O jogador que acabara de marcar levantava o *stick*, celebrando, e uma série de tipos da equipa estavam a bater-lhe na cabeça. O capacete cobria-lhe a maior parte da cara, mas aqueles olhos... *Conheço aqueles olhos*. O jogador tirou a proteção da boca, agitou-a no ar e sorriu diretamente para a câmara.

Covinhas.

Grandes.

Esubugalhei os olhos.

Não... não podia ser.

Continuei a fitar o ecrã com a boca aberta até o rosto dele já não estar lá.

A mulher ao meu lado parou de aplaudir.

— Vês? Eu disse-te que ele estava em alta. Se este é o teu primeiro jogo, foi bem escolhido. Não vês muitos *hat tricks* num período. O Yearwood está a fazer a sua melhor época de sempre. É uma pena o mesmo não ser verdade para o resto da equipa.

— Yearwood? É o nome do tipo que acabou de marcar?

A Jenna riu-se da minha pergunta.

— Sim. Capitão da equipa e indiscutivelmente o melhor jogador da NHL hoje em dia. Chamam-lhe o *Bonitão*, por razões óbvias.

— Qual é o primeiro nome dele?

— Max. Pensei que o conhecias, porque estás nos lugares dele.

*

— Olá, *Bonitão*. Estás à procura de alguém?

O Max saíra do balneário. Olhara à direita e depois à esquerda, mas não me vira sentada no banco diante da entrada.

Sorriu quando os seus olhos pousaram em mim e todo o seu rosto se iluminou ao aproximar-se. Ele sabia que eu estava a ver o jogo. Mesmo antes do intervalo do segundo período, patinara para junto de onde eu estava sentada e colidira com o vidro. Mas ele não sabia que a mulher sentada ao meu lado me tinha dado o seu livre-trânsito para eu poder descer até ao balneário e vê-lo no fim do jogo.

— Esperaste...

Levei a mão ao bolso e tirei o Yoda, que segurei na palma da mão.

— Tinha de te devolver isto. Disseste que eras supersticioso.

Ele tirou-mo da mão e voltou a meter-mo no bolso do casaco. Depois, entrelaçou os dedos nos meus.

— E sou. Acabei de fazer o melhor jogo da minha carreira. Por isso, adivinha onde é que o Yoda tem de estar em todos os jogos a partir de agora?

— Onde?

— No bolso do casaco da minha miúda, enquanto ela fica sentada no meu lugar.

— Oh, então agora sou a tua miúda?

Ele girou as nossas mãos unidas.

— Talvez ainda não. Mas a noite ainda é uma criança.

— Hum... São quase onze horas e eu tenho de trabalhar amanhã de manhã.

O Max fitou-me nos olhos. As minhas entranhas deram uma cambalhota. Ele ergueu as nossas mãos juntas até aos lábios e beijou o topo da minha.

— Estou contente por teres vindo — disse. — Não tinha a certeza se virias.

— A sério? — Inclinei a cabeça. — É que tenho a impressão de que normalmente consegues o que queres.

— E isso é mau? Talvez seja por ser um homem difícil de dissuadir. Não me importo de me esforçar pelas coisas.

— Conta-me, tiveste de te esforçar muito pela mulher com quem dormiste há umas semanas?

O Max riu-se e abanou a cabeça.

— Tu não és pera doce, pois não?

— E se eu te dissesse que não dormiria contigo só por dizeres coisas bonitas?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Nunca?

Ri-me.

— Percebes o que quero dizer.

— Tudo bem. Não tenho pressa. Pelo menos tomas um copo comigo?

Sorri.

— *Um*. Porque tenho de me levantar cedo amanhã.

— Ótimo. Aceito o que me deres. — Pôs um braço em volta do meu ombro e começámos a andar. — Mas devo avisar-te. Seja qual for a saída que eu use, costuma haver algumas pessoas à espera de autógrafos. Não me parece bem passar por eles sem parar, por isso podemos demorar um pouco a sair daqui.

Agradou-me que ele fosse o tipo de pessoa que parava junto dos fãs.

— Está bem.

No instante em que saímos, as pessoas começaram a gritar o seu nome, e eram mais do que apenas *algumas*. A segurança flanqueou-nos enquanto ele escrevia várias vezes o seu nome. Alguns pediam *selfies*, e ele inclinava-se e posava para a câmara. Sem dúvida que aquelas covinhas lhe davam muitos benefícios. Havia quem lhe professasse o seu amor eterno e quem fizesse perguntas acerca do jogo da noite.

O Max levava tudo na desportiva, respondendo com bom humor. Levou quase meia hora até que a fila diminuísse. Quando chegámos às últimas pessoas, um miúdo que devia ter uns 18 anos ergueu o queixo para mim enquanto o Max lhe dava um autógrafo.

— É a tua namorada? É boazona.

O Max parou a meio de escrever e lançou um olhar de aviso ao miúdo.

— Ei, cuidado. Vê se tens respeito pelas mulheres. Principalmente por esta. Pode ser a futura Sra. Yearwood. — Os seus olhos procuraram-me rapidamente. — Só que ainda não sabe.

CAPÍTULO 2

Georgia

— Então, o que é que o meu talismã da sorte faz na vida? Espera, deixa-me adivinhar...

Enquanto falava, o Max estendeu a mão por cima da mesa e limpou-me o canto da boca com o polegar. Mostrou-me — açúcar do rebordo do copo do meu *cocktail* — antes de o sugar com um sorriso demoníaco que me causou um formigueiro entre as pernas.

Tomei mais um gole para arrefecer antes de responder.

— Vai ser interessante. Estou curiosa para ver o que achas que eu faço.

Ele baixou os olhos para a minha roupa. Era quase uma da manhã. Depois de sairmos do Garden tínhamos atravessado a rua para o bar mais próximo e escolhido os assentos mais privados, no canto do fundo, mas eu ainda usava as minhas roupas de trabalho, pois saíra do escritório diretamente para o encontro às cegas e depois para o jogo.

— Com classe, mas sexy — disse ele. O Max inclinou-se e olhou para os meus pés. — Esses saltos sexy como tudo não parecem confortáveis para estar todo o dia de pé, por isso deves trabalhar num escritório. Conseguiste sair bastante cedo para ir ao teu encontro, logo, deves ser a chefe e escolhes os teus horários. Também largaste o teu encontro para vir ter com um gajo a um jogo de hóquei, um desporto

sobre o qual disseste não saber nada, sem saber que eu era jogador. Ou estás numa profissão em que corres riscos ou numa que exige que sejas otimista.

Fiz uma expressão que mostrava o quanto estava impressionada.

— Continua...

Ele esfregou os pelos no queixo, que escureceram bastante nas poucas horas em que estivéramos separados.

— Vou dizer advogada ou executiva de publicidade.

Abanei a cabeça.

— E eu a achar que te estavas a sair tão bem.

— Estive perto?

— Mais ou menos. Ultimamente, estou sentada na maior parte do dia. Também escolho o meu horário e suponho que fundar a minha própria empresa foi arriscado. Sou dona da Rosas de Eternidade.

— Rosas de Eternidade? Porque é que isso me soa tão familiar?

— Curiosamente, apesar de nunca ter estado num jogo, tive cartazes publicitários no Madison Square Garden. A minha empresa vende rosas que duram um ano ou mais. Talvez tenhas visto um dos nossos anúncios.

— Aqueles que têm um gajo a dormir com a cabeça na casota do cão?

Sorri.

— Esse mesmo. É a minha amiga Maggie que trata do marketing. Teve a ideia porque o seu em breve ex-marido estava sempre a fazer asneiras e depois chegava a casa com flores.

— Mandeí as tuas flores à minha cunhada. Da última vez que estive em casa dela, eu e o meu irmão estávamos a disparatar e partimos uma cadeira. Ela não quis que eu pagasse, por isso mandei-lhe um daqueles arranjos grandes, redondos, que parecem uma caixa de chapéus. O teu site também é divertido, não é? Lembro-me de que tinha uma página que sugeria mensagens para quem estivesse em sarilhos. Usei uma no cartão que juntei às flores.

Assenti com a cabeça.

— Era eu que as escolhia quando comecei. Era uma das coisas que gostava mais de fazer. Mas agora atualizamo-las tantas vezes que já não tenho tempo.

— É muito fixe. Mas tenho de te dizer... são caras como a merda. Acho que o arranjo grande que mandei custou uns seiscentos dólares.

— A tua cunhada adora-as?

— Sim.

— Bem, as rosas normais só duram uma semana. Se comprasses quatro dúzias, que são quantas tem a caixa de chapéus que lhe oferecete, custariam no mínimo duzentos e cinquenta dólares. Num ano, são treze mil dólares em rosas semanais. Por isso, seiscentos é uma pechincha.

O Max sorriu.

— Porque é que tenho a sensação de que já disseste isso uma centena de vezes?

Ri-me.

— De facto, disse.

— Como é que entraste nessa área?

— Sempre quis ter o meu próprio negócio. Só não sabia de que género. Durante a licenciatura e a pós-graduação, trabalhei numa florista. Um dos meus clientes favoritos era o Sr. Benson, um homem de 80 anos. Durante o primeiro ano que lá trabalhei, ele ia todas as segundas-feiras comprar flores para a mulher. Deu-lhe flores frescas todas as semanas durante os seus cinquenta anos de casamento. Na maior parte desse tempo, era ele que as plantava numa pequena estufa no jardim deles. Contudo, depois de a mulher ter um enfarte, mudaram-se para um lar porque ele não conseguia cuidar dela sozinho. Depois disso, começou a comprar-lhe flores todas as semanas na loja. Um dia chegou e disse que tinha de reduzir custos e levar-lhe flores só uma vez por mês, porque os copagamentos dos novos medicamentos da mulher eram muito caros. Disse que seria a primeira vez em mais de meio século que ela não teria rosas frescas na mesa de cabeceira. Então comecei a pesquisar como podia

aumentar a vida das flores cortadas, esperando encontrar uma forma de as rosas da mulher do Sr. Benson durarem mais entre as suas viagens à florista. Acabei por aprender muito acerca do processo de conservação e, a partir daí, as coisas arrancaram. Acabei por abrir uma loja online e comecei a vender arranjos a partir de casa. Foi um início lento, até que uma celebridade com doze milhões de seguidores no Instagram fez uma encomenda e publicou o quanto as adorava. A partir daí, foi uma bola de neve. Um mês depois, eu tinha transferido a produção da minha sala de estar e cozinha para uma pequena loja e agora, alguns anos depois, temos três locais de produção e oito *showrooms*. Começámos agora a franchisar a marca para a Europa.

— Caramba! — O Max ergueu as sobrancelhas. — Fizeste isso tudo sozinha?

Assenti orgulhosamente.

— Fiz. Bem, com a minha melhor amiga, a Maggie. Ela ajudou-me a iniciar. Agora também tem uma parte da empresa. Não podia tê-lo feito sem ela.

Ele olhou por cima do ombro e relanceou a sala.

— Bonita e inteligente? Tem de haver uma fila de gajos algures, desejosos de me bater por estar contigo neste momento.

Ele pretendia fazer um elogio e ser engraçado, mas o meu sorriso esmoreceu pela primeira vez. A verdadeira razão para eu estar num encontro às cegas esta noite atingiu-me como uma bofetada. Ficara enredada no entusiasmo da noite e não parara para pensar que tinha de contar ao Max acerca do Gabriel. A Frannie informara o meu par do encontro da minha situação, por isso não tivera de considerar como ou quando abordar o assunto. Mas suponho que o «como e quando» com o Max acabara de se me apresentar numa bandeja de prata, portanto, não havia momento melhor do que agora.

Sorri pensativamente.

— Bem... para ser completamente honesta, estou mais ou menos numa relação com alguém.

O Max deixou tombar a cabeça e ergueu uma mão para tapar o coração.

— E eu a pensar que a seta cravada no meu coração era do Cupido. Magoaste-me, Georgia.

Ri-me do seu dramatismo.

— Desculpa. Parece estranho tocar neste assunto, mas achei que devia ser frontal acerca da minha situação.

Ele suspirou.

— Explica-me. Qual é a situação com esse outro tipo cujo coração eu vou partir?

— Bem, eu... hum... — Raios, aquilo não era fácil de explicar. — Acho que se pode dizer que estou numa relação aberta.

O Max ergueu as sobrancelhas.

— Achas?

— Desculpa... não. — Assenti com a cabeça. — Estou. Estou numa relação aberta.

— Porque é que isso me dá a ideia de ser mais do que apenas andares a sair com alguém sem compromisso?

Mordi o lábio inferior.

— Na verdade, estivemos noivos.

— Mas agora não estão?

Abanei a cabeça.

— É uma história um pouco complicada, mas sinto que devo partilhá-la.

— Está bem...

— Eu e o Gabriel conhecemo-nos quando estava a trabalhar no meu MBA. Ele era professor de Inglês na NYU e eu fui para a Stern Business School lá. Na altura, ele tinha começado a trabalhar num romance. O Gabriel dava aulas para pagar as contas, mas queria ser escritor. Acabou por vender o livro a uma editora, juntamente com um contrato para um segundo livro que haveria de escrever, e ficámos noivos. Corria tudo bem até há cerca de um ano, quando o livro foi publicado. Não correu bem. Na verdade, foi mesmo um fracasso,

com poucas vendas e críticas terríveis. O Gabriel ficou muito em baixo. Pouco tempo depois, descobriu que os pais que ele acreditava serem biológicos eram, na verdade, adotivos. E depois o seu melhor amigo de infância morreu num acidente de carro. — Suspirei. — Enfim... resumindo, o Gabriel sentiu-se mesmo perdido e decidiu aceitar um convite para a função de professor visitante em Inglaterra por dezasseis meses. Nem sequer discutiu o assunto comigo antes de aceitar o emprego. Disse que precisava de se encontrar. Com tudo aquilo por que tinha passado, compreendi. Mas então, alguns dias antes da partida dele, tive outra surpresa: ele disse-me que queria ter uma relação aberta enquanto estivesse fora.

— E, antes disso, estava tudo bem entre vocês?

— Eu pensava que sim. Trabalho muito, mais do que preciso e mais do que devia, e, por vezes, o Gabriel achava que era demasiado e queixava-se. Esse era, provavelmente, o nosso maior problema. Mas não éramos um casal que passasse a vida a discutir, se é isso que estás a perguntar.

O Max esfregou o lábio inferior com o polegar.

— Há quanto tempo é que ele foi?

— Oito meses.

— Viram-se durante esse tempo?

— Só uma vez. Há cerca de seis semanas. A minha empresa abriu uma loja de *franchise* em Paris. Eu fui à inauguração e ele foi lá ter comigo para o fim de semana.

— E ambos têm saído com outras pessoas desde que ele partiu?

Abanei a cabeça.

— Acho que ele sim, mas eu nem por isso. — Mordi outra vez o lábio. — Na realidade, o Adam foi o meu segundo encontro às cegas em vários anos. O primeiro foi com um tipo que conheci no Tinder há duas semanas e durou o tempo de um café. Para ser franca, eu nem queria sair esta noite. Mas estou a tentar esforçadamente fazer algumas mudanças muito necessárias na minha vida, agora que estou por minha conta. Então fiz uma lista de coisas que tenho adiado

e, visto que encontrar-me com homens estava no topo da minha lista, praticamente obriguei-me a aparecer.

Os olhos do Max foram fixando os meus várias vezes.

— Tiveste de te obrigar a ir ao Garden?

— Não, pelo contrário. Tentei forçar-me a *não* ir.

— Porquê?

Encolhi os ombros.

— Não sei bem.

Ele olhou-me por mais algum tempo.

— Quando é que vais voltar a vê-lo?

— Não temos planos para nos vermos pessoalmente até ele terminar o trabalho em Londres e voltar para Nova Iorque. Por isso, acho que será em dezembro, quando ele vier.

— Estás só a tentar vingar-te desse tipo porque ele anda a sair com outras pessoas? Ou estás mesmo a tentar perceber o que pode haver aí para ti?

Era o raio de uma pergunta muito boa e para a qual eu não sabia propriamente a resposta. O meu relacionamento com o Gabriel era uma área cinzenta, e eu era uma pessoa do género preto ou branco. Deus é testemunha de que passei tempo suficiente a agonizar com decisões acerca deste homem, só para acabar agora a questionar todas as decisões que já tomei.

Olhei o Max nos olhos.

— Vou ser honesta: não sei bem o que quero. — Inclinei a cabeça para o lado. — Isso importa-te?

Um sorriso lento espalhou-se-lhe no rosto.

— Só quero saber no que me estou a meter. — Estendeu o braço por cima da mesa e pegou-me na mão, entrelaçando os nossos dedos. Levantou a cara, com um brilho nos olhos. — Mas conta comigo.

Ri-me.

— És muito persuasivo.

— Não consigo evitar. Quero saber tudo acerca de ti.

Pestanejei.

— Porquê?

— Não faço ideia. Mas quero.

— O que é que queres saber?

— Tudo. Qualquer coisa.

— Tipo, o quê?

Encolheu os ombros.

— Disseste que por vezes trabalhas mais do que precisas. Porque é que continuas a trabalhar se não precisas?

Sorri com tristeza.

— É uma questão em que tenho pensado muito, visto que foi uma fonte de conflito no meu relacionamento. Acho que trabalho muito porque sempre tive de o fazer. Sou disléxica, desde a escola primária que tive de estudar mais horas. Uma leitura que levava vinte minutos aos meus colegas, podia levar-me uma hora ou duas, por isso habituei-me a saber que tinha de fazer mais. Também tenho tendência para analisar excessivamente tudo, o que pode consumir muito tempo, e sou muito competitiva, por vezes, desagradavelmente. Mas adoro o meu negócio e gosto de o ver crescer a partir daquilo que lhe dou. Contudo, contratei um diretor de operações há quatro meses, portanto, posso trabalhar menos, se quiser. A minha mãe está a envelhecer e vive na Florida, e quero poder visitá-la mais frequentemente. E adoro viajar. Também achei que podia fazer o Gabriel feliz, mas já sabes como correu.

— Não há nada de errado em trabalhar muito, se adoras o que fazes. Provavelmente não estarias onde estás se não dedicasses tanto tempo ao teu emprego. Eu não estaria.

— Obrigada.

— E ser competitivo é bom. Motiva-te a fazer melhor.

Abanei a cabeça.

— Os meus amigos já nem jogam jogos de tabuleiro comigo, e fui banida da caça aos ovos de Páscoa na residência sénior da minha mãe devido a um... — Levantei as mãos para fazer aspas. — ... *incidente* com uma criança de 9 anos que fiz chorar.

O Max sorriu.

— É assim tão mau?

Esfreguei o dedo na condensação ao fundo do meu copo.

— Estou a esforçar-me para encontrar o equilíbrio certo. Até fui a um retiro de meditação de quatro dias, há uns meses, para aprender a relaxar.

— Como é que correu?

O meu lábio tremeu.

— Voltei para casa um dia antes.

O Max riu-se.

— E família? Tens muitos irmãos?

— Não, sou filha única. Nasci quando os meus pais já tinham alguma idade. Casaram-se aos 30 e concordaram em não ter filhos. O meu pai fez uma vasectomia pouco depois do casamento. Então, aos 42, a minha mãe engravidou. Afinal, uma vasectomia não é cem por cento segura. Cortam os vasos deferentes do homem, mas, em casos raros, as peças podem voltar a crescer e a ligar-se. Chama-se regeneração.

— Caraças. — O Max remexeu-se na cadeira.

Ri-me.

— Acabaste de fechar as pernas?

— Podes crer. Fala-me em cortar alguma coisa ali em baixo e o meu corpo salta para o modo de proteção. Como é que os teus pais receberam a notícia, depois dos 40?

— A minha mãe disse que foi um choque, mas quando foi à primeira consulta e ouviu o bater do meu coração, soube que estava destinado. O meu pai, ao contrário, não ficou muito satisfeito. Teve uma infância terrível e tinha as suas razões para não querer uma família. Então decidi ter um caso com uma mulher que tinha feito uma laqueação de trompas, e os meus pais acabaram por se divorciar quando eu tinha 2 anos. Não sou muito próxima do meu pai.

— Lamento.

Sorri.

— Obrigada. Mas não há nada para lamentar, apesar de poder parecer que sim quando conto a versão abreviada. A minha mãe é uma

supermãe, por isso nunca senti grande falta dele. Ela reformou-se e foi para a Florida há dois anos. E eu via o meu pai quando era pequena. E tu? Tens uma família grande?

— Sou o mais novo de seis. Todos rapazes. — Abanou a cabeça. — Coitada da minha mãe. Partimos cada peça de mobiliário pelo menos uma vez ao longo dos anos com as nossas brincadeiras.

— Ah... como a cadeira da tua cunhada?

— Exatamente.

— Há bocado, quando te perguntei se vivias com a tua mãe, disseste que nem sequer viviam no mesmo estado. Quer dizer que não és de Nova Iorque?

— Não. Sou do estado de Washington, mas não vivo lá há muito tempo. Saí de casa quando tinha 16 anos, para viver com uma família que me acolheu e jogar hóquei no Minnesota. Depois, mudei-me para a Costa Leste, para jogar pela Universidade de Boston, e só depois para Nova Iorque, para jogar pelos Wolverines.

— Como é isso? Ser um atleta profissional, quero dizer.

O Max encolheu os ombros.

— Ganho a vida a jogar um jogo que adoro. É quase como um sonho. As pessoas dizem que a Disney é o melhor lugar do mundo. Eu prefiro, de longe, o balneário depois de uma vitória.

— Qual é a desvantagem? Todas as profissões têm uma.

— Bem, perder é uma merda. Aconteceu muito à minha equipa nos últimos dois anos. Quando fui recrutado, era uma equipa em ascensão. Chegámos aos *play-offs* no meu ano de caloiro, mas entre lesões e maus negócios, os últimos foram difíceis. Chama-se uma *equipa* porque é necessário mais do que um conjunto de tipos para ter um bom ano. Tirando isso, as viagens podem ser demasiado. Uma época são oitenta e dois jogos, e isso sem os *play-offs*. Quase metade são fora. Acho que vejo o dentista da equipa mais do que o meu próprio apartamento.

— Ena, pois. São muitas viagens.

O Max tinha pedido um rum com *Coca-Cola* e uma água. Calculei que precisasse de se hidratar depois do jogo. Mas reparei que não

tocara no álcool e estávamos ali sentados há tempo suficiente para o gelo derreter. Apontando para o copo mais pequeno, disse-lhe:

— Não tocaste na tua bebida.

— Não bebo álcool quando tenho um treino ou um jogo no dia seguinte.

Franzi o sobrolho.

— Então porque é que pediste um rum com *Cola*?

— Não queria que não pedisses uma bebida por eu não pedir.

Sorri.

— Foste atencioso. Obrigada.

— Então, fala-me do teu encontro desta noite. Ele era um idiota chapado ou apenas ficou aquém em comparação com o tipo que conheceste primeiro? — Piscou o olho.

— O Adam Verdadeiro era muito simpático.

— Simpático? — O sorriso altivo do Max aumentou. — Quer dizer que foi uma treta, não foi?

Havia um guardanapo à minha frente na mesa. Amarrrotei-o e atirei-lho. Ele apanhou-o.

— Acho que é a tua vez na berlinda — disse-lhe. — Fala-me da mulher com quem dormiste recentemente. É alguém com quem costumavas sair?

— Foi só um engate. Para ambos.

— Hum-hum. — Bebi um gole da minha bebida. — Vamos falar disso. Acontece muitas vezes? Quero dizer, tu és um atleta profissional e um tipo bem-parecido, para não mencionar que passas muito tempo na estrada.

O Max contemplou-me.

— Disse-te que, se me desses uma segunda oportunidade, não voltaria a mentir-te. Mas prefiro não te apresentar um retrato de alguém de quem não gostarias. Então, vou dizer apenas que não tenho dificuldade em arranjar alguém para passar algum tempo, se quiser. Mas só por ser fácil, e ter vivido completamente uma vida de solteiro, não quer dizer que tenha de ser assim. Tenho a certeza de que tu

podias entrar em qualquer bar desta cidade e sair com um tipo, se quisesses. Não significa que o faças se estiveres num relacionamento, certo?

— Não, acho que não. — Encolhi os ombros. — Mas deve haver algo de errado contigo. Diz-me quais são os teus piores defeitos, Max.

— Caramba. — Ele expirou longamente. — Estás mesmo à procura de uma razão para não casar comigo, não estás?

— Se tudo o que estás a dizer é sincero, és demasiado bom para ser verdade. Podes culpar-me por estar à espera do inevitável?

Ele passou o polegar sobre o lábio inferior, depois endireitou-se na cadeira e pousou os cotovelos na mesa.

— Está bem, vou confessar-te algo sujo. Mas depois quero ouvir mais das tuas coisas sujas.

Ri-me.

— Combinado.

— Apertamos a mão. — Ele estendeu a mão e, quando lhe juntei a minha, fechou os dedos e não a largou. — Ai... queres dar-me a mão.

Abanei a cabeça.

— Desembucha, Bonitão. O que é que tens de errado?

A expressão do Max ficou séria.

— Posso ser obsessivo e um tanto compulsivo. Aquilo a que as pessoas normais chamam *determinação* pode ser determinação excessiva, no meu caso. Posso perder o foco em tudo o resto na minha vida, incluindo a minha saúde e as outras pessoas à minha volta, quando quero muito uma coisa.

— OK... bem, acho que isso faz sentido, considerando a tua carreira. Nunca tinha conhecido um atleta profissional, mas tenho de supor que possuir uma determinação fervorosa faz parte do que te ajudou a chegar onde chegaste.

— Também tenho uma predisposição para desenvolver vícios. O hóquei é a minha droga de eleição. Mas é por isso que não bebo muito e me mantenho afastado das drogas e do jogo. Na universidade, fiquei com uma dívida de vinte mil dólares num corretor de apostas.

O meu irmão mais velho teve de me salvar da prisão, mas antes voou para Boston e deu-me uma sova.

— Oh, céus. O teu irmão é assim tão grande?

O Max riu-se.

— Sou um dos rapazes Yearwood mais pequenos.

— Uau.

— Então... já te afugentei? Até agora, fizeste-me confessar que tive um caso de uma noite recentemente, fui preso a dançar *hula hoop* nu, tenho uma tendência para desenvolver vícios e, por vezes, quando estou concentrado no hóquei, esqueço-me de que o mundo existe. O que é que se segue? Dizer-te que tenho um medo irracional de lagartos e que quando tinha 9 anos fiz chichi nas calças porque os meus irmãos levaram seis camaleões para casa e os esconderam na minha cama?

— Oh, meu Deus, isso é verdade?

O Max descaiu a cabeça.

— Sim. Mas, em minha defesa, não deves mostrar o filme *Godzilla* a um miúdo de 4 anos. Pode deixar marcas.

A ideia de este homem enorme ter medo de um pequeno lagarto era absolutamente hilariante. Mas rendera-me à forma aberta como ele respondera às minhas perguntas. Ainda tinha a minha mão presa na sua, por isso apertei-lha e decidi que a honestidade era um caminho de dois sentidos.

— Tinhas razão. Estava à procura de um motivo para não voltar a ver-te.

— E encontraste algum?

Abanei a cabeça.

— As falhas não me assustam. O que me assustaria era não saberes que as tinhas ou negares-te a admitir a sua existência.

— Isso quer dizer que vamos para Vegas?

— Não propriamente. — Ri-me. — É a minha vez agora? De te dizer os meus piores defeitos? Porque não sei se enfatizei o suficiente o quanto a minha competitividade pode ser irritante quando

a mencionei há pouco. Por exemplo, atirei-te aquele guardanapo, tu apanhaste-o e está a matar-me não mo atirares de volta para eu também poder apanhá-lo. E agora também te quero dizer todos os meus outros defeitos, para os meus serem piores do que os teus. Mas estou a pensar que talvez seja melhor acabar a bebida antes de continuar com a minha lista de lavandaria, para o caso de tu fugires.

O Max abanou a cabeça.

— Não. Não precisas de me dizer nada. Já sei qual é o teu pior defeito.

— Ah, sabes? Até tenho medo de perguntar. Qual é?

Os olhos do Max encontram os meus. A intensidade do seu olhar era inegável e deu início a um esvoaçar na minha barriga.

— O teu pior defeito? Fácil. Acho que disseste que o nome dele era Gabriel.

ELE FEZ-ME UMA PROPOSTA APENAS PARA O VERÃO... MAS TALVEZ ISSO NÃO SEJA SUFICIENTE!

Conheci o Max Yearwood num encontro às cegas. Senti uma química incrível. Ele era lindo de morrer, com aquelas covinhas a moldarem-lhe o sorriso brincalhão. Mesmo aquilo de que eu precisava. Só que não era o Max que eu devia ter conhecido nessa noite. O meu verdadeiro acompanhante chegou depois, e foi uma enorme desilusão. No entanto, antes de se ir embora, o Max ofereceu-me um bilhete para um jogo de hóquei no gelo, só para o caso de o meu encontro não resultar.

E foi exatamente isso que aconteceu. Ciente de que a química entre mim e o meu par era inexistente, decidi voltar para casa, mas não sem antes passar pelo recinto do jogo, onde encontrei vago o lugar ao lado do meu. Decidida a ir-me embora no intervalo, depois de mais uma desilusão, não contive a surpresa quando, na sequência de um golo, vi novamente aquelas covinhas... no ecrã gigante! Afinal, o bilhete não era para o acompanhar a ver o jogo, era para o ver jogar.

E assim começou a minha aventura com o Max. Ele só estaria na cidade durante uns meses, antes de se mudar para a outra ponta do país para jogar por outra equipa. Por isso, propôs-me passar o verão com ele, sem promessas e sem compromissos. Parecia um ótimo plano. E o que é que poderia correr mal, se tínhamos a data de fim previamente definida?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-979-7



9 789895 839797